

### **SOBRE TERRITÓRIOS, PRÁTICAS E IDENTIDADES... (1)**

Uma conhecida toada cantada em diferentes manifestações populares apresenta os seguintes versos: “Eu sou um menino, minha mãe soube me educar, quem anda em terras alheias, pisa no chão devagar”. Essa canção faz referência ao indivíduo que entra em um lugar o qual não é familiar, um território declarado como alheio pertencente ao outro. A educação é a forma como caminhar nesse espaço, é a maneira que se negocia o passar desse indivíduo no local, uma tática utilizada que possibilita esse fazer.

As lutas pela manutenção e disputa do território marcam diversos episódios na história de diferentes grupos na sociedade e são determinantes nos processos culturais mediados pelos mesmos. Aconteceram com as maltas de capoeiras no Rio de Janeiro, grupos que ocupavam lugares distintos na cidade e marcavam seus espaços com as suas práticas. Era possível identificar um praticante de determinada malta pelas vestimentas usadas, a forma de utilização de objetos simples como um lenço, um chapéu ou uma bengala. As práticas eram comuns aos indivíduos do mesmo grupo, o encontro desses diferentes coletivos era marcado pela luta do crescimento de cada um desses grupos, com o fortalecimento de uma determinada malta, maior a expansão de seu território e de sua cultura.

Consideramos esse território, que está em jogo em alternados fatos da história, não apenas como o lugar físico, mas também como o lugar do simbólico, da cultura e do pertencimento. Podemos pensar também no exemplo das comunidades jongueiras na cidade do Rio de Janeiro, que ocuparam distintos morros como Salgueiro, Mangueira e Serrinha. Cada

reduto conservava suas próprias cantigas, seus baluartes, suas devoções, cada comunidade cultivava características que os identificavam em relação aos outros. Nesse caso não existia declarado um confronto por um território físico, já que seus espaços eram bem delimitados e deslocados, porém muitas são as histórias das disputas entre os praticantes. A fama de jongueiros de determinadas comunidades era espalhada por muitos lugares, chegando a outros espaços como rodas de batuques, curimas e capoeiras.

Uma das habilidades de maior valor atribuída a um jongueiro é a capacidade de lançar pontos, "amarrar e desatar nó", improvisar canções. Ao criar um ponto o praticante deflagrava uma série de questões relacionadas ao seu cotidiano, sua vivência que era influenciada diretamente pela sua experiência na comunidade. Um tiro de uma flecha saída da boca, impregnada de carga simbólica. Por mais que o cotidiano das diferentes comunidades e de seus praticantes seja parecido, um jongueiro do Salgueiro apresentava-se diferente de um da Serrinha.

Conta-se que exímios versadores de localidades distintas como é o caso de Manoel Bam Bam Bam, morador de Rocha Miranda e Nilton Campolino morador do Morro da Congonha, eram conhecidos como da Serrinha por compartilhar das práticas e manter características referentes à comunidade. Os encontros e a relação desses com os outros, propiciaram o acabamento desses dois praticantes em legítimos jongueiros daquele grupo. Acontecimentos como os das comunidades jongueiras no Rio de Janeiro, nos mostram que a disputa do território caminha do físico para o simbólico, ou pode ocupar os dois e que esse jogo é jogado de forma perspicaz, onde a negociação emerge como tática desses grupos que reivindicam status dentro desse cenário.

Pensando as questões territoriais e direcionando o olhar para o atual contexto do jongo na cidade, torna-se nítido que o conceito da palavra comunidade, presente em parte do imaginário social não cabe para definir um lugar, pois a comunidade da Serrinha não se resume apenas à

localidade. Ela se constitui em um aglomerado de práticas e indivíduos que as representam como uma “comunidade móvel”, se deslocando e disseminando sua cultura. Fazer parte da cultura do jongo não depende de ter nascido no local onde sua história tem imenso destaque, pois o conhecimento da prática não está essencializado nos limites físicos de determinada localidade. Tornar-se um praticante está relacionado na medida em que se deu o encontro com essa cultura, nos limites dos caminhos que os jongueiros antigos percorreram disseminando seus conhecimentos. Desta maneira o jongo que é praticado na Serrinha disputou e conquistou outros territórios, como os dos palcos, universidades, escolas e ruas. Deflagraram-se seqüências de flechas vindas das bocas de jongueiros, transmitindo os conhecimentos e fazendo com que a comunidade crescesse a ponto de ocupar outros territórios.

.....

#### **Sobre o (a) autor(a):**

✓ Luiz Rufino: Estudante do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da UERJ; jongueiro; capoeirista; bolsista de Iniciação Científica do CNPQ.

#### **Referências bibliográficas (ou textuais):**

- **(1) Este texto é produto das discussões desenvolvidas no grupo de Pesquisa Narrativas, Memórias e Atualização Identitária em Contextos Educativos, do qual o autor faz parte**